Bruno Almeida de Oliveira

Vicissitudes

BOOKESS

A amora e nossos quatro.

"Jack London Vachel Lindsay Hart Crane

René Crevel Walter Benjamin Cesare Pavese

Stefan Zweig Virgínia Wolf Raul Pompéia

Sá-Carneiro

e disse apenas alguns

de tantos que escolheram

o dia a hora o gesto

o meio

a dis-

solução."

(*Carlos Drummond de Andrade*. **A Homenagem**)

Prólogo

Repica o enorme e estrondoso sino na grande Matriz da cidade de São Paulo, para avisar, como há séculos o faz, aos seus concidadãos, do alvorecer, como se irônica e pessoalmente viesse ao ouvido de cada um dizer: "amanheceu, meu caro, é hora de levantar".

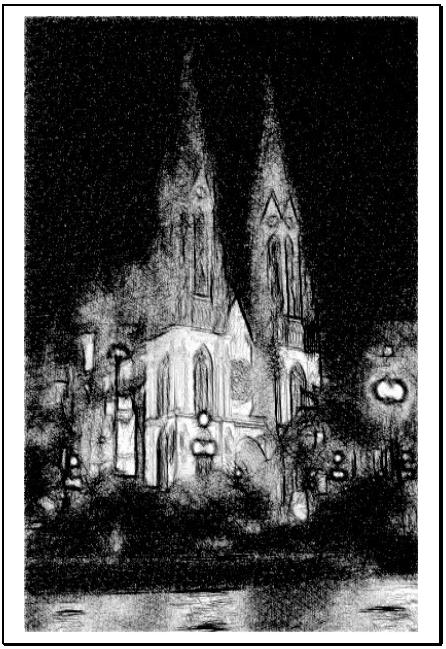
E como é essa a *cidade- trabalho*, descabido, poderia ser dito, o alvitre deste intruso, porque em muitas famílias, como se sabe, o alvorecer indica, pelo contrário, o horário de findar os trabalhos, que começaram há pelo menos oito horas e, enfim, descansar. A nossa *polis* moderna funciona, de fato, ininterruptamente. Orgulhamo-nos, paulistanos de fato e de espírito de aqui viver.

Remontemos, pois, há oito horas desse alvorecer, enquanto as pessoas de bem em suas camas descansam para a inevitável jornada subseqüente do dia iminente. Já outras, todavia, valendo-se da escuridão e do pouco movimento de transeuntes, maliciosamente arquitetam e põe em prática seus planos para furtar, roubar, seqüestrar, matar, em suma, tudo o que for possível e o que gerar mais dinheiro, porque, afinal, é preciso ter dinheiro para o gozo de uma boa vida.

Nesse plano, muitos indivíduos outorgam a si próprios o direito de vilipendiar as regras naturalmente criadas, as quais, não seria preciso dizer, conhecemos desde sempre, e, assim, diariamente ultrajam vidas, lares e famílias, pela ganância, por motivos e circunstâncias infinitamente ao seu entender plausíveis, como uma espécie de coação irresistível, que os levam a esse comportamento em nítida desconformidade com que se é comumente enquadrado o *normal*.

Poderíamos, também, em paralelo a essa linha de pensamento, imaginar o que seria da nossa sociedade se cada homem ou mulher, em virtude dos desgostos e aborrecimentos da vida ou pela falta de dinheiro, mal crônico que afeta,

deveras, de uma maneira terrível, pelo menos um quinto da população brasileira, fantasticamente cognominados de *indigentes*, requeressem aquele suposto direito de dessa forma errônea proceder? As sociedades, decerto, sumiriam. Nem o mais tenebroso dos anarquistas teria a capacidade de sugerir minimamente o que nós nos tornaríamos. Felizmente, ainda, o bem tem prevalecido, o que não pode e não deve ser interpretado como regra. Eis aqui uma ocasião em que o mal superou o bem.



A redenção

Àquela hora da noite, pouquíssimas pessoas passavam nas ruas. Num plano, sensação de desespero, boca seca, coração acelerado e suor frio. Noutro, o restante de uma chuva fina e intermitente que caía na cidade do mundo que melhor lhe caracterizava.

Repentinamente, virou uma esquina um rapaz bem vestido, altura mediana, passos largos, decididos, quiçá reveladores um pouco da personalidade daquele tipo. Àquela altura, porém, nada mais lhe importava. Sua vida, estudos, trabalho e até o futuro, ah, o futuro! Promissor? Nenhum argumento racional o afastaria da inacreditável empresa que estaria ele prestes a levar a efeito.

E por esse macabro intento, andou até que seu corpo não agüentou mais. De súbito, caiu no chão e ali ficou imóvel, ofegante. Para agravar tudo, sua cabeça doía e aquele cheiro, marcado no seu inconsciente, que por tantas vezes lhe trouxera deliciosas sensações, agora o remetia à pior das fragrâncias: da morte.

Alucinado, logrando da pouca energia que ainda possuía, percorreu mais oito quarteirões sem destino certo, embora aparentemente pensasse saber para onde ir. Outrora, a sua casa, mais que isso, o seu refúgio, ficava no outro lado da cidade. E daí? Nada mais importa. A idéia era fixa e só almejava, como nunca desejou outra coisa em sua doravante estúpida vida, o adequado meio de acabar com si, com a sua inoportuna existência, afinal, quem se importava com isso?

Ao entrar numa longa rua, desconhecida, sentiu-se sozinho, circunstância essa que lhe dava a aparência de que somente seus passos ecoavam na grande metrópole. Na outra parte da calçada, havia mendigos, animalescamente reunidos por causa do frio, cujos vultos, pela primeira vez em toda sua vida,

sequer tomou conhecimento. Era ele, sim, uma pessoa boa, espécie raríssima, talvez que nem eu nem você conheçamos alguém ao menos parecido. Agora, porém, quase nada era. Iria morrer.

Na confusão desses temerários pensamentos, um reflexo qualquer permitiu-lhe saber que ali era o lugar. Não bastava morrer. Era preciso mais: desaparecer.

Munido de uma insanidade que jamais lhe atingiu, tomou posição e olhou para trás, para certificar-se que não havia testemunhas. Neste exato momento, veio algo em sua mente, que lhe prostrou de novo ao chão de tanta dor para chorar, chorar como um nada. Sentenciou-se ao fim ingrato. Por que seria isso?

Já posicionado, despiu-se totalmente, desfazendo-se até do anel e do relógio, dos quais jamais se separava, jogando-os num bueiro. Nervosamente, sacou do instrumento pesado e frio e sem ponderar dirigiu-o à têmpora esquerda. Olhou tristemente o horizonte e as luzes da cidade. Pensou, então, pela última vez em vida, naquilo que mais amou. Inevitavelmente, chorou um pouco mais. Sem saber o porquê, lembrou-se da sua feliz mocidade, dos amigos, dos tempos de faculdade, de tudo quanto lhe deu felicidades, da sua... Um surdo estampido ressoou. Seu corpo logo caiu nas imundas águas do grande rio, ricocheteando antes, como planejado, no guarda- corpo da ponte, propiciando uma queda direta.

Se naquele momento tivesse calma e condição suficientes para avaliar sua situação, depois de alguns segundos, decerto depuraria de breve reflexão uma singela palavra para justificar toda aquela contraditória conduta: *redenção*. Imaginara que assim consumaria sua dor e obteria perdão. Tudo, como sabia, acaba da melhor ou da pior forma. Só não sabia que as coisas não poderiam ser tão simples assim...

Vitor, esse era o nome do infeliz suicida, advogado consolidado e de fama, apesar da pouca idade, o melhor numa das poucas bancas de advocacia criminal da grande metrópole paulistana. Os meios de comunicação anunciavam, quase que incessantemente, à pedido da família, reiterados anúncios de vultosa recompensa em dinheiro para quem pudesse dar alguma notícia, mínima que fosse, sobre seu paradeiro.

Posteriormente à sucessão desses fatos, muitos foram os desgostos, sessões de choro, dor e desalento, públicas, para os falsos; as verdadeiras, porém, são distintas; as tais convulsões de sentimentos que nós, seres humanos, quando nos desapossamos do pudor comum que permeia a ingrata sociedade, e, enfim, tão-só nessas ocasiões, despimo-nos das cadeias emocionais, choramos, gritamos e gememos, surdamente, no mais profundo interior, na eloqüência da desorganização de pensamentos que são o nosso praxe, mostramos o nosso verdadeiro eu.

Como Vitor antevira, em virtude do seu desaparecimento muitos também foram os dias de dor daqueles que o amavam. Mais triste que a morte é o desaparecimento, porque aquela traz a certeza do fim, inegavelmente sofrível, mas, este, gera a incerteza, que é infinitamente pior. Depois de perdidas todas as esperanças, até dos que têm os corações mais bondosos, ah sim, todos devemos ter os corações bondosos, mas alguns, por dom, ou talvez, por virtude, propiciada pela Providência já que, conquanto seja a gravidade e a causa do desesperar, ali permanecem na vã e tenra esperança que dias melhores virão.

No entanto, dias melhores não vieram. O desespero aumentava com o decurso do tempo e cada amanhecer, motivo de regozijo para os que têm a regozijar, não mais passava do prelúdio de mais um encadeamento aparentemente infinito de horas e horas que só faziam majorar a dor.

Com efeito, a idéia de que tudo inesperadamente pudesse mudar, talvez com a notícia de uma testemunha que pudesse ter visto Vitor passar por algum lugar ou do aparecimento de algum pertence seu encontrado no ermo de uma comunidade paupérrima, indício, quem sabe, de sua morte, para aqueles que efetivamente amavam Vitor serviria como uma espécie de autorização para descansar. Pior do que a morte é a dúvida de não saber se ela veio ou não. Apesar, como sabemos, nesse caso, da sua inegável realidade.

Vale lembrar que Vitor pensou nisso tudo no breve ínterim que intermediou um nefasto evento até o seu suicídio. Sabia ele também que grande seria o sofrimento dos seus, o que não serviu de atenuante para dissuadi-lo de sua terrível empreitada.

Contudo, apesar de tamanha perspicácia, mesmo na hora da morte, a abonar a tenacidade da mente que a organizou, uma simples condição, supra-humana, não foi por ele considerada, porque, obviamente, inserta além do alcance de sua tão privilegiada capacidade intelectual. O que será que com ele se passou depois disso tudo?

O suicida

Ora, ora, ora... Resmungou laconicamente a morte. É, sim, a boa e velha amiga dos momentos de desterro, aquela que vem dar alento àqueles a que não há mais alento.

Nesse dia e como naquele episódio, de ressaltar, ela não gostava de perder, característica essa oriunda possivelmente de um minúsculo viés de humanidade que ainda persistia consigo. Eis a terrível ou uma figura esquelética, numa indumentária negra, adornada de uma foice? Piegas! E das mais tristes. Alegoria essa fruto provável de uma mente consternada e sem maiores possibilidades criativas; plausível também seria a idéia de ligar àquela estranha entidade à morte em si, como encarada pela quase totalidade dos homens, episódio deflagrador da tristeza, da dor, enfim, do fim.

Nada disso é verdade. E não tenhamos a indolência de pensar: “mas como se sabe isso?”. Ao invés, pensemos: “será que isso é crível?”. Se sim, continuemos: “por que sim?”; se não: “porque não?”.

Sem maiores delongas descritivas, pode-se assegurar que é a morte o que quiser sê-lo. Hoje, por exemplo, pode ela ser a mocinha que passa pelo metrô, com *piercing* e roupa colada, sugerindo aos outros algum esboço de sexualidade pujante. Amanhã, no entanto, seria o ilustre homem de terno, descansadamente vagueando pela Avenida Paulista, freqüentador dos mais garbosos ambientes e que, de fato, ninguém sabe de onde veio. Outro dia, quem sabe, poderia ela até ser o grande amigo a quem você acabou de contar aquele seu maior segredo. Por outro lado, é possível dizer, o que também conforma o anteriormente esboçado, que é a morte uma espécie de capataz do mal, que tem grande importância nos infinitos planos da figura maligna, servilmente o auxiliando. Daí o porquê da multifacetada característica